

ARTIGO

SABERES EM TRÂNSITO

CONTRIBUIÇÕES DA TRAJETÓRIA DOCENTE PARA A FORMAÇÃO INTELECTUAL DE JOSUÉ DE CASTRO

HELDER REMIGIO DE AMORIM

Doutor em História, docente do curso de História e do PPGH-UNICAP

E-mail: helder.remigio@unicap.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6006-9988>

RESUMO: O artigo analisa a formação intelectual de Josué de Castro a partir de sua trajetória docente e das redes de sociabilidade que marcaram sua atuação entre as décadas de 1920 e 1940. Partindo do campo da história intelectual, privilegia-se a análise das condições de produção, circulação e mediação de saberes, considerando a docência como espaço fundamental de elaboração e difusão de ideias. A pesquisa evidencia a articulação entre medicina, geografia e ciências sociais na constituição de um intelectual interdisciplinar, inserido em circuitos acadêmicos, institucionais e jornalísticos. Ao destacar a importância das redes e da circulação de ideias, o estudo contribui para a compreensão dos processos de formação intelectual no Brasil do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: História intelectual; Josué de Castro; circulação de ideias; docência; redes intelectuais.

KNOWLEDGE IN TRANSIT

CONTRIBUTIONS OF TEACHING TRAJECTORY TO THE INTELLECTUAL FORMATION OF JOSUÉ DE CASTRO

ABSTRACT: This article analyzes the intellectual formation of Josué de Castro through his teaching trajectory and intellectual networks between the 1920s and 1940s. Drawing on intellectual history, it emphasizes the conditions of production, circulation, and mediation of knowledge, considering teaching as a central space for the elaboration and dissemination of ideas. The study highlights the articulation between medicine, geography, and social sciences in shaping an interdisciplinary intellectual embedded in academic, institutional, and journalistic circuits. It contributes to a broader understanding of intellectual formation processes in twentieth-century Brazil.

KEYWORDS: Intellectual history; Josué de Castro; circulation of ideas; teaching; intellectual networks.

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2026v86p154-185>

Recebido em: 30/03/2026

Aprovado em: 01/06/2026



Introdução

Inserido no campo da história intelectual, este artigo parte da compreensão de que os intelectuais não podem ser analisados como figuras isoladas ou meros produtores de ideias, mas como agentes situados em redes de sociabilidade, instituições e circuitos de circulação que condicionam tanto a elaboração quanto a difusão de seus escritos. Nesse sentido, o trabalho dialoga com as formulações de François Dosse (2003), especialmente no que concerne à necessidade de articular trajetórias individuais às configurações coletivas que estruturam o campo intelectual. Contudo, mais do que reiterar uma abordagem centrada nas dinâmicas de circulação e mediação, propõe-se aqui enfatizar os processos de formação intelectual em sua dimensão situada, privilegiando os espaços de ensino, as experiências profissionais e os deslocamentos entre campos do saber como elementos constitutivos da produção intelectual. Assim, ao tomar a docência como eixo de análise, busca-se evidenciar como determinados saberes foram produzidos e reconfigurados no interior de práticas concretas, permitindo compreender a constituição de Josué de Castro não apenas como autor, mas como intelectual em construção.

Partindo desse horizonte teórico, este artigo propõe analisar a formação intelectual de Josué de Castro a partir de sua trajetória docente e das redes de sociabilidade que atravessaram sua experiência entre as décadas de 1920 e 1940. Mais do que reconstituir uma parte de uma trajetória intelectual em sentido tradicional, busca-se compreender como saberes médicos, geográficos e sociais foram mobilizados, transformados e articulados em diferentes espaços institucionais. Desse modo como faculdades de medicina, cursos de filosofia e universidades e em circuitos mais amplos de circulação, incluindo a imprensa, as redes acadêmicas e os intercâmbios internacionais. Nesse sentido, a docência é tomada aqui não apenas como atividade profissional, mas como um espaço privilegiado de produção, sistematização e difusão de saberes, fundamental para a constituição de um intelectual que transitou entre diferentes campos disciplinares.

Ao considerar a trajetória de Josué de Castro como um percurso marcado pela circulação de ideias e pela inserção em múltiplas redes locais,

nacionais e transnacionais, este estudo dialoga com abordagens que enfatizam a dimensão social da produção intelectual, atentando para as condições históricas que possibilitam tanto a elaboração quanto a difusão dos discursos. Nesse sentido, a análise das experiências formativas do autor, de suas práticas docentes e de sua atuação na imprensa permite evidenciar os processos de mediação que incidem sobre a construção de sua autoridade intelectual. Como sugere Michel de Certeau, a escrita da história está intrinsecamente vinculada a um lugar social, a procedimentos específicos e a formas discursivas que configuram o próprio saber histórico. Assim, compreender Josué de Castro implica também situá-lo nas condições institucionais, políticas e culturais que moldaram suas práticas e suas intervenções.

Dessa forma, o artigo insere-se no campo da história intelectual ao privilegiar a análise das relações entre saber, poder e sociedade, tomando como eixo a articulação entre docência, produção letrada e circulação de ideias. Ao enfatizar a formação intelectual de Josué de Castro a partir de suas experiências acadêmicas e redes de sociabilidade, pretende-se contribuir para uma compreensão mais ampla dos processos de constituição dos intelectuais no Brasil do século XX, destacando o papel das instituições de ensino, da imprensa e dos circuitos internacionais na configuração de trajetórias marcadas pela interdisciplinaridade e pelo engajamento público.

Nos caminhos do saber médico: primeiras andanças

Nos anos 1920, o Rio de Janeiro, então capital do Brasil, respirava os ares da influência francesa nas artes, na arquitetura, nos meios intelectuais. Mas, enfrentava os problemas sociais das primeiras décadas da República. O progresso e os processos de modernização urbanísticas mudavam a paisagem com rapidez. Casarios e cortiços eram destruídos no centro dessa cidade, para dar lugar a largas avenidas, enquanto as populações mais pobres migravam para as áreas mais elevadas. Muitos intelectuais, atônitos, observavam essas mudanças. Outros se fidelizavam com o fascínio do progresso: “A noção de civilização, nessa época, já se confundia com a ideia de conquista de uma modernidade” (Vianna, 2007, p. 22).

Esse momento histórico também significou um período de instabilidade institucional para o Brasil. A presença política dos militares durante a Primeira República foi marcante, até mesmo na liderança armada do movimento civil-militar de 1930 (Mattos, 2013, p. 125). Foram muitos os eventos culturais e políticos significativos. Entre esses estão as comemorações do Centenário da Independência do Brasil, a Semana de Arte Moderna de São Paulo, o levante do Forte de Copacabana, todos no ano de 1922, além da efervescência do movimento tenentista. No campo científico, a década de 1920 foi um momento importante para o desenvolvimento da ciência no Brasil. Naquele momento histórico instituições de pesquisa e de comunicação como a Academia Nacional de Medicina de 1922, a Associação Brasileira de Educação de 1924, a Sociedade Brasileira de Ciências, fundada em 1925 e a Rádio Sociedade criada em 1923, foram fundamentais para dinamizar as atividades intelectuais. A criação de novas instituições faz parte do universo de reivindicações de engenheiros, médicos e professores, que visavam a divulgação e o desenvolvimento da pesquisa científica.¹ Nesse ambiente intelectual havia a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Fávero, 2066, p. 17-36) que esteve à frente dos debates e projetos em torno da higienização, do sanitarismo e da saúde pública.

A partir desses pressupostos, “a autoridade médica tendia a crescer impulsionada pela extensão e pelo êxito da aplicação da ciência em diversos campos da medicina, especialmente nos de higiene pública e medicina preventiva” (Bulcão; El-Kareh; Sayd; 2007, p. 469-487). Nesse sentido, os médicos que desde o Império já gozavam de prestígio e inserção social, foram paulatinamente galgando novos espaços. Naquele momento, eles eram vistos como profissionais e homens de formação que não possuíam um campo de atuação intelectual diversificado. Esse foi um dos fatores que contribuíram para que, no decorrer do século XX, estivessem presentes na produção de interpretações sobre a realidade social brasileira (Gomes, 2010, p. 12). Foi nesse cenário de valorização do saber médico e de transformações no meio

¹ Entre o grupo de profissionais que defendia uma difusão mais ampla da ciência no Brasil e da construção da identidade de um novo tipo de intelectual no Brasil estavam Manoel Amoroso Costa, Henrique Morize, Osório de Almeida, Juliano Moreira, Edgar Roquete-Pinto, Roberto Marinho de Azevedo, Lélío Gama e Teodoro Ramos.

intelectual da capital federal que Josué de Castro cursou e concluiu sua formação inicial em medicina em 1929.

Josué de Castro iniciou seus estudos médicos na Faculdade de Medicina da Bahia, tendo posteriormente, solicitado a transferência do curso para o Rio de Janeiro. Os três anos em que viveu no estado da Bahia proporcionaram a criação de uma rede intelectual importante. Josué criou relações de amizade e foi contemporâneo, nessa instituição, daqueles que mais tarde se tornaram antropólogos nacionalmente conhecidos, como Arthur Ramos (1903-1949) e Théo Brandão (1907-1981), além do contato com Anísio Teixeira (1900-1971) que também foi estreitado. Essa primeira rede de relações intelectuais e afetivas foi fundamental em outros momentos de sua trajetória. As narrativas em torno da escolha de Josué de Castro pela medicina são rarefeitas. Em uma entrevista à *Revista Manchete* na década de 1960, relembra alguns dos seus primeiros passos, e fez as seguintes afirmações:

Nasci no Recife, no número 1 da Rua Joaquim Nabuco. Eu escrevia o nome de Nabuco, mesmo sem saber quem ele era. Depois foi uma personalidade que me interessou sempre. (Mais tarde não fui ser médico por vocação, mas porque mamãe sonhava com isso). Acabei meus preparatórios com 15 anos de idade. Falsificaram-me a idade para que eu pudesse entrar na faculdade. Me formei, com 21 anos e meio. Papai queria que eu estudasse na Bahia. Aí fiquei três anos. (...) Terminei a faculdade em 1929, no Rio, pois só fiz os três primeiros anos na Bahia. (Revista Manchete, Rio de Janeiro, nº 625, abril de 1964. Arquivo Pessoal Josué de Castro - FUNDAJ. Pasta 95).

Quando essa entrevista foi veiculada em abril de 1964, o médico Josué de Castro já não clinicava, pois uma série de outras atividades e trajetórias profissionais em diversos campos do saber, o afastaram das práticas médicas. Em um olhar sobre o passado, Josué de Castro constrói um discurso que passa a ideia de que a medicina não era o seu objetivo constante. Provavelmente, agregar outros interesses ao saber médico possibilitou o contato com outros campos do conhecimento que se tornaram caminhos possíveis para as suas reflexões. No momento da entrevista, ocupava o cargo de Embaixador do Brasil para assuntos ligados a Organização das Nações Unidas (ONU) em Genebra durante o governo João Goulart (1961-1964).

As memórias da infância e as construções discursivas daquele presente buscam aliar, também, o nome da rua em que viveu no Recife, com a

admiração à figura do embaixador e abolicionista brasileiro Joaquim Nabuco, um intelectual defensor de causas humanitárias. A constatação de que cursou medicina para realizar um desejo materno, talvez tenha sido perceptível, após ter se tornado um intelectual das ciências humanas e sociais. Naquele momento, tanto a medicina quanto o direito representavam a possibilidade de atuação profissional para os jovens. Em outra entrevista, Josué de Castro relata suas experiências nos cursos de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro:

A princípio uma impressão de deslumbramento e de veneração por seus velhos muros, pela austera fachada da sua Escola. Depois de desencanto no que diz respeito ao ensino, ora ali ministrado. Aliás, não só a Faculdade da Bahia, mas depois a do Rio, também me desapontou por completo. Entrei com um grande entusiasmo e saí com o interesse quase morto pela maioria dos assuntos, na forma em que eram apresentados. Poucos professores me entusiasmaram. Na Bahia, destaco o velho mestre Pirajá da Silva, figura veneranda de homem de estudo e o professor de Fisiologia, Aristides Novis, que me arrebatou muitas vezes com o brilho literário de suas preleções. Virei “fisiólogo” em dois tempos. Estudei com furor, conquistei uma distinção na cadeira e a amizade do mestre que perdurou até a sua morte. Na Faculdade do Rio, a grande figura que me encheu de encanto foi a do Prof. Antônio Austregésilo, sem dúvida uma das maiores vocações que teve o ensino médico brasileiro (Silva, 1998, p. 43).

Josué de Castro exerceu a medicina por muitos anos, manteve consultórios primeiramente no Recife e depois no Rio de Janeiro, até meados dos anos 1950, dedicando-se às especialidades de nutrição e de gastroenterologia. Apesar de ter estudado nas duas principais faculdades de medicina do Brasil, ele relata a decepção das experiências de estudo, principalmente em relação à metodologia de ensino. O fato é que Josué de Castro vivenciou uma universidade em fase de transição, que ainda não havia passado pelas reformas da década de 1930, quando os processos de industrialização e urbanização demandaram do Estado a necessidade de investir na formação dos médicos. Já sobre a atuação destes profissionais, se expressa através de um tom crítico e irônico no conto *Assistência Social*:

Médico, profissão liberal. Lorota, Liberal para quem tem pai fazendeiro, capitalista, para pagar um consultório de luxo, para pagar os anúncios nos jornais, para pagar os elogios dos amigos, para pagar as boas relações. Pai ou sogro, mas para quem começa no duro, sem encosto, qual profissão liberal... assalariado, classe proletária é o que é... (Castro, 1957, p.42).

O excerto acima faz parte de uma série de contos escritos entre 1935 e 1937 que foram reunidos em um livro publicado posteriormente intitulado *Documentário do Nordeste*. Nesse livro publicado em 1937 que reúne uma série de contos sobre o cotidiano do Recife, aborda também questões sociais. É nesse livro que Josué de Castro publica “O Ciclo do Caranguejo”, conto que narra a situação de pobreza e miséria que as populações ribeirinhas que habitam os mangues do Recife viviam. O conto *Assistência Social* narra a história de Dr. Félix, um médico recém-formado, que se desloca diariamente de bonde da cidade de Olinda até uma ilha do bairro da Várzea, um dos últimos bairros da zona Oeste do Recife, para trabalhar em uma fábrica de tintas. O conto narra os embates entre o Sr. Renato gerente e sócio da “Fábrica Pureza”, que visa meramente o lucro, e o médico recém-formado que se preocupa com um enorme contingente de operários acometidos de tuberculose e desnutrição. No desfecho da história, o Dr. Félix é considerado culpado pela grande quantidade de operários doentes e acaba demitido.

Esse conto aponta para as relações entre o real e a ficção. O médico Josué de Castro também trabalhou em uma fábrica do Recife nos anos 1930 e, após essa experiência, escreveu o livro *As condições de Vida das Classes Operárias do Recife* (1932), um estudo que obteve repercussão nacional. O trabalho constatava que a baixa produtividade dos operários da fábrica estava diretamente relacionada à ingestão deficiente de nutrientes diários. Em outras palavras, os trabalhadores não produziam o desejado porque passavam fome.

Apesar de em 1926 ainda ser um estudante, Castro já se preocupava com os registros fotográficos. Nessa fase buscou estabelecer redes intelectuais e frequentou os meios intelectuais, assim como, as embaixadas latino-americanas do Rio de Janeiro. Nesse período foram muitos os textos publicados em jornais da Capital Federal e de Pernambuco. A atividade de crítico de cinema também passou a fazer parte da vida de Josué de Castro.

Quando se formou médico, viajou como representante da Embaixada dos Universitários Brasileiros para participar da posse, como Presidente da República, do ex-embaixador mexicano no Rio de Janeiro, Pascual Ortiz Rubio. Em um acontecimento trágico na história daquele país, Rubio renunciou ao cargo, após ser ferido a bala. Depois do incidente, Josué de Castro antecipou

a sua viagem aos EUA, onde já havia articulado um período de estágio na Universidade de Colúmbia e no Medical Center de Nova Iorque. Essa primeira experiência de estudos no exterior contribuiu para a sua especialização em um campo das ciências médicas ainda incipiente no Brasil, nesse caso a nutrição.

Desse modo, é possível perceber que a formação intelectual de Josué de Castro não se limitou ao aprendizado técnico proporcionado pelas faculdades de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro. A sua trajetória revela um processo formativo marcado pela circulação em diferentes espaços de sociabilidade intelectual, pelo contato com debates científicos e culturais das décadas de 1920 e 1930 e pela constituição de uma sensibilidade social que ultrapassava os limites estritos do saber médico. Nesse sentido, as experiências universitárias, os vínculos construídos com diversos intelectuais, bem como sua inserção em círculos culturais, embaixadas latino-americanas, podem ser compreendidas à luz das redes de sociabilidade intelectual. Para Sirinelli (2003), os intelectuais se formam não apenas por meio de instituições formais, mas também através das relações, trocas simbólicas e circuitos de convivência que estruturam pertencimentos e compartilhamentos de experiências. No caso de Josué de Castro, essas redes foram decisivas para ampliar seus horizontes interpretativos e consolidar uma atuação situada entre medicina, pensamento social e intervenção pública.

O reencontro com o Recife e os caminhos para a docência

Quando Josué de Castro retorna ao Brasil, deixa o Rio de Janeiro para residir em sua cidade natal, o Recife. A sua estada em Pernambuco se faz importante por suas atividades acadêmicas, bem como pelo reencontro com os problemas sociais que a cidade enfrentava. O Brasil passava por um momento de tensões políticas com a Revolução de 1930, quando diferentes grupos políticos se alternavam no poder. Quanto aos intelectuais estes passariam a ter mais espaço nas decisões políticas do país.

Após a Revolução de 30 os letrados passaram a atuar com mais afinco nas relações políticas no Brasil. (...) Durante a década de 1930 alguns intelectuais tomaram para si o dever de reivindicar ao Estado a

autoridade necessária para a condução social, assumindo a prática política de suas ações (Moura, 2012, p.52-53).

O Recife era também, uma cidade polo, referência de passagem para trabalhadores sazonais, comerciantes e para aqueles que procuravam centros médicos para algumas doenças, bem como um importante centro de saber. A Faculdade de Direito do Recife representava um núcleo importante de debates intelectuais na região. Quando escreve *Documentário do Nordeste* (1937), Josué de Castro já demonstra consciência sobre as desigualdades sociais do Recife. “O Recife, cidade dos rios, das pontes e das antigas residências palacianas, é também a cidade dos mocambos – das choças, casebres de barro batido a sopapo, com telhados de capim, de palha e de fôlhas de flandres” (Castro, 1957, p.21).

Nesse cenário, um periódico de Recife, *A Província*,² noticiava o retorno de Josué de Castro: “De regresso do México, o médico e intelectual inicia hoje, na *A Província*, uma série de artigos em que fixa aspectos interessantes da Revolução Mexicana” (*A Província*. 3 de maio de 1930. Acervo Pessoal Josué de Castro – Fundaj. Pasta 20). É perceptível que a menção de nomear de intelectual o médico recém-formado, provavelmente era uma estratégia do jornal para chamar atenção dos leitores para a coluna. Vale ressaltar que o termo “intelectual” denota o lugar social que possuíam os profissionais de medicina e um campo de atuação para além das ciências médicas. Muitos profissionais da saúde eram também, escritores, poetas, dramaturgos. A coluna perdura por alguns meses e o exercício da escrita do jovem médico passa a ser constante nos jornais locais do estado.

Para Josué de Castro, o retorno ao Recife significou a oportunidade de desenvolver pesquisas e formular teorias sobre temas que iriam acompanhá-lo ao longo da sua trajetória intelectual. Em 1932 quando escreve *As condições de Vida das Classes Operárias do Recife*, passou a compreender que o problema da fome estava para além dos debates sobre nutrição. A questão era social.

² O jornal *A Província* foi fundado pelo abolicionista José Mariano, representou um instrumento combativo, defendeu acirradamente a libertação das pessoas escravizadas. O primeiro número desse periódico foi veiculado dia 6 de setembro de 1872, teve suas atividades encerradas em 1935.

Este trabalho visa precisamente a alimentação das classes assalariadas, aquelas que por suas condições econômicas desfavoráveis e seu baixo nível intelectual pior se alimentam, necessitando portanto de uma assistência social urgente neste sentido, para que seja entravado o seu progressivo estiolamento provocado por uma inanição crônica e congênita, verdadeira fome tradicional. (...) Pela leitura das conclusões a que chegamos, temos de reconhecer a grande e crua verdade da expressiva frase de Juan B. Justo de que – “atualmente já não se pode assassinar o proletário mas se pode legalmente fazê-lo morrer de fome” (Castro, 1957, p. 76-77).

A linguagem técnica típica de uma medicina social, mas também a sensibilidade das palavras do médico e parlamentar argentino Juan B. Busto, um dos percussores das ideias socialistas na Argentina, demonstram o diálogo de Josué de Castro com os debates sobre alimentação e condições sociais das classes operárias na América Latina. Esse estudo serviu para as primeiras discussões em torno do salário-mínimo que foi instituído por Getúlio Vargas em 1940. No pós-1930 o Estado brasileiro passou a reconhecer a questão social como uma demanda:

Até então tínhamos território e população, mas não havíamos tido governo, e a sua ausência traduzida na omissão do Estado liberal na inconsistência de suas elites – comprometia integralmente todo o conjunto. A revolução fundadora do Estado Nacional vinha exatamente rearticular esses elementos constitutivos, através da intervenção de quarto elemento fundamental: a finalidade do Estado, que devia ser encontrada fora da política, ou seja, na promoção do bem-estar nacional e na realização do bem comum (Gomes, 2011, p. 196).

No decorrer da década de 1930, momento de intensas transformações do Estado brasileiro, passa a lecionar em Recife, atividade esta que, segundo os mais próximos lhe dava imenso prazer e que realizou até os últimos dias de vida. A medicina, que segundo as fontes pesquisadas pouco o encantou durante os anos de curso universitário, mas significou o caminho inicial para a docência. Aprovado em um concurso público para a cadeira de fisiologia da Faculdade de Medicina do Recife,³ defendeu a tese *O problema fisiológico da alimentação no Brasil*.

³ Documento de nomeação de Josué de Castro como professor na Faculdade de Medicina do Recife: “Nomeio o Dr. Josué de Castro, docente livre da cadeira de Fisiologia, por ter sido aprovado em concurso, realizado nessa faculdade aos 10 de novembro de 1932. Faculdade de Medicina do Recife, 22 de novembro de 1932. Octávio de Freitas. Diretor”. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 6.

Até a década de 1920 os projetos universitários do Brasil não preconizavam as atividades de pesquisa, de investigação científica e pedagógica. É importante frisar que a prática científica no Brasil até finais do século XIX e início do século XX foi caracterizada pela total falta de investigação. Nas faculdades de Medicina e Engenharia, o ensino era quase sempre feito em livros, inexistindo em quase todas a prática de laboratório e de investigação (Carvalho, 2000, p. 15).

Esse momento histórico possibilitou que os grupos intelectuais do país se movimentassem para que uma cultura acadêmica fosse criada. Com a fundação do Ministério da Educação e Saúde Pública durante o governo provisório de Getúlio Vargas (1932-1934) abriu-se um caminho para tímidas reformulações que somente seriam acentuadas durante a Reforma Capanema (1942), já no Estado Novo (Ferreira, 2013, p.20). Os primeiros passos do estudante e do professor Josué de Castro foram dados nessa configuração universitária. Os relatos sobre as suas aulas são raros, mas trazem algumas informações importantes para as intenções desse texto. As aulas do período em que foi professor da Faculdade de Medicina do Recife são lembradas por um aluno que se tornou um amigo, o médico Jamesson Ferreira Lima (1916-2012):

Nos deparamos na sala de aula, com um jovem moreno, na casa dos vinte, magro e alto, de calças escuras e paletó pesado, cinzento esverdeado, estilo europeu, falando sobre metabolismo basal. O assunto pouco tinha de particularmente agradável. Ao contrário era difícil e técnico. Mas o conteúdo decorria em prosa ágil, viva, e a figura do expositor se situava numa contradição entre o ar pretensioso e a maneira simpática e eloqüente da preleção. (...) exposição se fazia neste tom comunicativo, fixando todos ao tema. Daí em diante continuei ouvindo as palestras com regularidade (Academia Pernambucana de Medicina, 1983, p. 95-96).

O trecho acima remete a um Ciclo de Debates em homenagem a Josué de Castro promovido pela Academia Pernambucana de Medicina, em 1983. As condições de produção do relato devem ser levadas em consideração. Tratava-se de um evento comemorativo, de exaltação da memória do intelectual, promovido por uma academia de colegas de profissão. Porém, é importante destacar que em vários outros depoimentos Josué de Castro é lembrado por meio de comentários elogiosos em torno da oratória, da clareza da escrita e da capacidade de se fazer inteligível em suas explicações. No

Jornal do Recife foi publicada na sessão “Chronica Social” a seguinte nota sobre a atuação do professor de “Phisyologia”.

Manifestação

PROF. DR. JOSUÉ DE CASTRO – Ao encerrar hontem o curso de Phisyologia do 2º anno médico da Faculdade de Medicina do Recife, o Prof. Josué de Castro foi alvo de expressiva manifestação por parte dos seus alumnos. Em nome da classe, falou o acadêmico Moraes Guerra, que salientou a actuação do mestre, mostrando como o ensino de phisyologia, cadeira basica das sciencias medicas, ia tomando novos rumos, graças ao espírito renovador do prof. Josué. O homenageado agradeceu sendo ao final muito aplaudido (*Jornal do Recife*, Recife. Terça-Feira, 7 de novembro de 1933, p. 2. Acervo Pessoal Josué de Castro - Fundaj. Pasta 15).

A figura de professor tomava forma, e a produção de imagens exemplares acompanhará muitos momentos da trajetória de Josué de Castro. Os dois registros apresentados colaboram com a formação dessas imagens e emanam os signos da distinção. Por outro lado, a atividade docente se manifesta como uma importante ferramenta para a sua formação intelectual. A preparação das aulas e a atualização da literatura de uma disciplina lecionada se traduz em um esforço para a produção do conhecimento. Nas atividades de professor, Josué de Castro também seguiu o caminho das Ciências Humanas e se tornou, em 1933, um dos fundadores da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife. De acordo com a socióloga Mercês Silva a essa instituição: “foi idealizada por um grupo de intelectuais pernambucanos liderados pelo Professor Aníbal Bruno, a faculdade foi inaugurada em 22 de setembro de 1933, em solenidade no salão nobre da Faculdade de Direito do Recife” (Silva, 2010, p. 66).

Acaba de ser fundado em Pernambuco mais um estabelecimento de ensino superior. Por iniciativa de um grupo de intellectuaes, do qual faz parte o dr. Josué de Castro, Professor da Faculdade de Medicina do Recife e autor de várias obras de valor scientifico, fundou-se na importante cidade Nordestina, a Faculdade de Phylosophia e Sciencias Sociaes, cujo programma representa apreciável avanço na cultura sociológica daquelle Estado. A Faculdade lecionará as seguintes matérias: História, Sociologia, Antropogeografia Social, Economia Política, Introdução Biológica as Sciencias Sociaes, Hygiene Social, Pscologia e Phylosophia. Corpo docente: está assim organizado: drs. Olívio Montenegro, Josué de Castro, que ensinará Antropogeografia Social, Nelson Coutinho, Annibal Bruno, Ulysses Pernambucano, Sylvio Rabello e Bezerra Coutinho. A inauguração será 1 de setembro. (Correio

da Manhã, 30 de agosto de 1933, p.7. Acervo Pessoal Josué de Castro - Fundaj. Pasta 22).

A notícia veiculada pelo *Correio da Manhã*⁴ destacava a importância da fundação dessa instituição, que representava uma novidade no campo das ciências humanas e sociais no Recife. A preponderância e o pioneirismo eram da Faculdade de Direito, que representava o principal centro de saber desse campo no Nordeste. O trecho do jornal destaca, ainda, o grupo de intelectuais que possuía representatividade em Pernambuco e que tinha formação nas ciências médicas e nas ciências jurídicas. A menção da reportagem a Josué de Castro, primeiramente afirmando que foi um dos fundadores da instituição e posteriormente detalhando a disciplina que iria lecionar, revela um indício de que provavelmente a notícia foi veiculada no periódico por intermédio do próprio Josué de Castro. A fundação dessa instituição também irá proporcionar um contato ainda mais próximo com as ciências sociais.⁵

As atividades do professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife logo se estenderiam à parte administrativa, quando se torna vice-diretor dessa instituição. Um fato intrigante é que raramente, no início do século XX, médicos se dedicavam aos estudos geográficos, ligados naquele momento aos campos da engenharia e da geologia. Provavelmente a aproximação de Josué de Castro com a geografia se deu por meio dos estudos de antropologia. Nesse sentido, a trajetória de Josué de Castro confirma a perspectiva de Dosse (2021), ao evidenciar que a produção intelectual não pode ser dissociada das redes institucionais e das experiências concretas de produção dos saberes.

É importante também pensarmos no processo de institucionalização da geografia no Brasil que está intrinsecamente ligado ao projeto modernizador na área educacional implementado a partir da década de 1930 (Machado, 2009, p. 36). A geografia seria a disciplina central para que Josué de

⁴ “Jornal carioca diário e matutino fundado em 15 de junho de 1901, por Edmundo Bittencourt e extinto em 8 de julho de 1974. Foi durante grande parte de sua existência um dos principais órgãos da imprensa brasileira, tendo-se sempre destacado como um “jornal de opinião”. Disponível em www.cpdoc.fgv.br/verbetes, acessado em 29 de maio de 2025.isórioov

⁵ Documento de nomeação de Josué de Castro a cadeira de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife. “Faculdade de Filosofia e Ciências Sociaes do Recife. O diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociaes, usando de suas atribuições, e em nome da Congregação, nomeia o Dr. Josué de Castro, Professor Catedrático da Cadeira de GEOGRAFIA HUMANA desta faculdade. Recife, 15 de agosto de 1933. Aníbal Bruno. Director”. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 6.

Castro desenvolvesse as suas obras mais conhecidas: *Geografia da Fome* (1946) e *Geopolítica da Fome* (1951). O reconhecimento como geógrafo e os estudos sobre nutrição abriram possibilidades para que passasse a ocupar espaços de destaque durante o Estado Novo e no segundo governo Vargas. Durante os anos 1930, a emergência de um projeto de modernização para o Brasil e busca por identidades se articularam com o pensamento geográfico, principalmente por meio da relação entre natureza, sociedade e território, que estavam atreladas às ideias de progresso (Machado, 2000, p. 11-31). As notícias sobre as atividades do médico e professor Josué de Castro se tornaram ainda mais frequentes nos jornais da capital de Pernambuco.

PROF. JOSUÉ DE CASTRO. CHEGOU, HONTEM, DA ARGENTINA, ESSE ILLUSTRE PHYSIOLOGISTA PERNAMBUCANO.

Pelo “General Artigas” chegou hontem da Argentina, onde fez um importante curso de especialização, no serviço do Prof. Pedro Escudero, director do Instituto Municipal de La Nutricion, Hospital Rawson, de Buenos Ayres, o prof. Josué de Castro, professor da Faculdade de Philosophia e Sciencias Sociaes e livre docente de Physiologia da Faculdade de Medicina do Recife. O Prof. Castro teve um concorrido desembarque tendo recebido innumeras pessoas de suas relações de amizade, que vão o abraçar em sua residência pelo seu sucesso nos grandes centros do Rio, São Paulo e Buenos Ayres onde fez importantes conferências. O prof. Josué de Castro acaba de fechar contracto, com a “Cia. Editora Nacional” de São Paulo para edictar o seu novo livro: “O Problema da Alimentação no Brasil”, em luxuosa edição de 3000 volumes, fazendo parte da Bibliotheca Pedagogica Brasileira (Colecção Brasileira), sob a direção do Prof. Fernando Azevedo. O livro do prof. Josué de Castro que estuda o problema da alimentação sob o ponto de vista médico social, é prefaciado pelo ilustre médico argentino, prof. Pedro Escudero, Cathedratco de Clinica Medica da Faculdade de Medicina de Buenos Ayres e a maior autoridade em nutrição nos países latino-americanos (Jornal do Recife, Recife, quinta-feira, 24 de janeiro de 1934, p. 2. Acervo Pessoal Josué de Castro - Fundaj. Pasta 25).

A notícia, com um tom de discurso entusiasmado, foi publicada em uma coluna do *Jornal do Recife* intitulada “Em Prol do Sertão”. Trata inicialmente do contato de Josué de Castro com o Prof. Pedro Escudero, pioneiro do campo da Nutrição na Argentina, e um dos principais estudiosos da América Latina. Essa aproximação possibilitou a inserção de Josué de Castro em uma rede de debates intelectuais sobre a nutrição nas Américas e na Europa, bem como em sucessivas participações nas Conferências latino-americanas de Nutrição. Desse modo, “uma face importante dos primeiros

textos de Josué de Castro – a formulação de dietas básicas para a população brasileira – demonstra as influências de Pedro Escudero” (Magalhães, 1997, p.34). Por outro lado, a docência nas faculdades de Medicina e de Filosofia e Ciências Sociais aproximou Josué de Castro dos campos disciplinares aparentemente distintos da geografia e da nutrição. Durante a década de 1940, esses saberes foram mobilizados de forma interdisciplinar, como ferramentas de análise que tornaram possível a elaboração da sua obra que se tornaria clássica, *Geografia da Fome* (1946).

A reportagem faz menção, ainda, ao que provavelmente foi um dos primeiros contratos editoriais do autor. No início de uma carreira acadêmica, participar de uma coletânea dirigida pelo sociólogo Fernando de Azevedo, um dos intelectuais brasileiros de maior expressão no início do século XX, era um privilégio para poucos. Azevedo era um defensor do desenvolvimento da ciência e afirmava que “o grande atraso da nossa organização social se devia à nossa tardia produção científica e, principalmente, à ausência de espírito crítico e científico nas elites desse país. Uma elite, como dizia, entusiasmada pela palavra fácil e sonora” (Gualtieri, 2013, p. 141). Fernando de Azevedo dirigiu um projeto editorial intitulado Biblioteca Pedagógica que foi concebida com cinco séries: I-Literatura Infantil; II-Livros didáticos; III- Atualidades pedagógicas; IV – Iniciação científica; e V – Brasileira (Idem, 2013, p. 145), posteriormente viabilizou a publicação e circulação de inúmeras obras.

Essa publicação será fundamental para que a sua obra passe a circular no Brasil e na Argentina. No prefácio de “O Problema da Alimentação no Brasil”, o Prof. Pedro Escudero, um dos primeiros e principais interlocutores de Josué de Castro no campo da Nutrição, afirma: “*la ciencia de la Nutrición há llegado a tal grado de perfección que es necesario que sean aplicados por todos los médicos, sociólogos e industriales para resolver, uno de los problemas de la sociedad en estos momentos: la alimentación racional y económica de los pueblos* (Castro, 1934, p. 57)”. Essas palavras se assemelham à obra de Josué de Castro que, em vários momentos, defendeu medidas de intervenção estatal para combater a fome. O discurso também apresenta a preocupação política com uma alimentação racional de um mundo que estava entre guerras. Após clinicar e lecionar no Recife por cinco anos, Josué de Castro retorna à Capital Federal, Rio de Janeiro:

Os motivos de sua mudança repentina para o Rio de Janeiro permanecem, assim como outros episódios de sua vida, sem muitas referências por parte de Josué. Os próprios filhos também não puderam ajudar a explicar este episódio na vida do pai, pois nada ou quase nada sabiam a respeito. O fato é que Josué parecia apagar da memória certos episódios de sua vida, alguns acontecimentos que deveria julgar só seus, quiçá dolorosos ou comprometedores não eram nunca revelados ou comentados, nem a nível doméstico. Em 1935, inicia no Rio de Janeiro uma nova vida. Deixa para trás a clínica freqüentada pelos clientes ricos, a docência de Fisiologia na Faculdade de Medicina, a de Geografia Humana na Faculdade de Filosofia, o cargo de vice-diretor da recém fundada faculdade, os amigos e também os desafetos. Uma nova fase da vida lhe aguardava com todas as suas venturas e desventuras. O Brasil vivia a “Era Vargas” (Silva, 1998, p.82).

Os anos vividos no Recife foram muito importantes para a formação do intelectual Josué de Castro, principalmente pela experiência acadêmica que adquiriu com a iniciação à docência, bem como pelo contato com a hierarquia do mundo universitário brasileiro. A necessidade de selecionar o que deve ser contado e lembrado, inclusive aos familiares, demonstra uma preocupação com a formação da sua imagem e com aquilo que é exclusivamente de foro íntimo. Infelizmente as correspondências desse momento da sua trajetória são fragmentadas e praticamente inexistentes no acervo pessoal. Josué de Castro abandonava a inserção no meio intelectual de Pernambuco, um conceituado consultório médico, “onde se dedicava à especialidade de fisiologista” (Santiago, 2008, p.31), para se aventurar na capital do Brasil.

Provavelmente a escolha do Rio de Janeiro, cidade na qual já havia habitado quando era estudante de medicina, tenha sido levada em consideração pela oportunidade de transitar nos meios intelectuais. A Capital Federal dispunha de universidades que tinham uma vida acadêmica intensa, o que possibilitaria a Josué de Castro participar e ter acesso a debates intelectuais mais atualizados. Além disso, possibilitaria construção de outras redes intelectuais e políticas que permitissem a aproximação com a renovação cultural que estava em curso durante a década de 1930 e que se estenderia pelos anos 1940.

À luz das reflexões de François Dosse (2003), acreditamos que a constituição de Josué de Castro como intelectual pode ser compreendida a partir das articulações entre experiência biográfica, redes institucionais, circulação internacional de saberes e práticas de mediação cultural. A atuação docente, a inserção em instituições recém-criadas, o diálogo com intelectuais latino-americanos e a aproximação entre a medicina, a geografia e as ciências

sociais revelam um itinerário marcado pela transversalidade disciplinar e pela construção coletiva do conhecimento. Desse modo, a docência não aparece apenas como exercício profissional ou espaço de transmissão de conteúdos, mas como lugar privilegiado de elaboração intelectual, legitimação pública e formulação de interpretações sobre a realidade brasileira. A preparação das aulas, a atualização constante da literatura especializada e a interlocução com estudantes e colegas funcionaram como mecanismos de produção de conhecimento e de refinamento de suas reflexões acerca da fome, da nutrição e das desigualdades sociais.

“Deixe-me ir. Preciso andar”: o retorno a capital federal

Em 1935, a Capital Federal respirava os ares das tensões entre o governo Vargas e os comunistas. Josué de Castro também encontra, na cidade do Rio de Janeiro, um debate intenso nos meios intelectuais sobre os novos rumos das universidades no Brasil. Por essa época, o Distrito Federal viveu sob administração de Pedro Ernesto Batista, que delegou a Anísio Teixeira, educador integrante da Escola Nova,⁶ a Diretoria-Geral de Instrução do Rio de Janeiro. Em 1935, Anísio transformou a antiga Escola Normal em uma escola superior para professores. Segundo a historiadora Marieta de Moraes Ferreira:

A administração de Pedro Ernesto possibilitou uma experiência pioneira e original na história das universidades brasileiras. O objetivo da nova universidade era encorajar a pesquisa científica, literária e artística, e propagar as aquisições da ciência e das artes através do ensino regular de suas escolas e dos cursos populares. A UDF pretendia não apenas produzir profissionais, mas formar “quadros intelectuais” para o Brasil. Em seu primeiro ano de funcionamento, inaugurou os primeiros cursos de formação de professores e de especialização em diversas disciplinas. Em 1936, contava com aproximadamente 400 alunos e, em 1937, diplomou seus primeiros graduados (Ferreira, 2013, p. 22-23).

Estava criada a Universidade do Distrito Federal - UDF (1935), que desenvolveu uma importante experiência no mundo universitário brasileiro, principalmente no que concerne a formação intelectual. A UDF tinha como preceito aproximar os intelectuais recém-formados de ações ligadas à

⁶ A Escola Nova foi um movimento pedagógico das décadas de 1920 e 1930 que defendia uma educação pública, laica e centrada no aluno, associada a projetos de modernização educacional no Brasil (Schwartzman; Bomeny; Costa, 2000).

educação, promovendo o diálogo da Universidade com o sistema de Ensino Básico do Rio de Janeiro. Os diversos institutos e escolas que compunham a UDF (Institutos de Educação, Artes, Escolas de Direito e Economia, Filosofia e Letras) eram distribuídos por prédios públicos da região central da cidade.

A experiência como docente no Recife fez Josué de Castro vislumbrar a possibilidade de lecionar na Universidade do Distrito Federal⁷. A sua inserção no meio acadêmico do Rio de Janeiro se fazia oportuna para continuar seus planos nas áreas de pesquisa e escrita; mas, para isso, era necessário se institucionalizar novamente. Nesse sentido, Josué de Castro mobilizava sua rede intelectual, ressaltando sua disponibilidade para a então recém-criada Universidade. Entra em contato com Anísio Teixeira solicitando-lhe posicionamento sobre uma promessa de vaga como professor assistente que este diretor lhe teria feito por intermédio de Paulo Carneiro, intelectual do campo de saber da química, ligado ao Ministério da Agricultura e um dos importantes nomes do positivismo no Brasil. Ao mesmo tempo, nessa correspondência, deixa transparecer certa ansiedade, seja em relação à possibilidade de se integrar à UDF e/ou mesmo de deixar o Rio:

Prezado Dr. Anísio, 1935

Já o tenho procurado várias vezes para saber a resposta da promessa de assistente da Universidade que recebi da sua parte, por intermédio do Paulo Carneiro, mas infelizmente não o tenho encontrado. Creio noutras partes tudo continua no mesmo, desejava antes de resolver-me a não esperar mais aqui no Rio, ter uma resposta sua definitiva. Sendo difícil falhar-lhe pessoalmente dado seus múltiplos afazeres. Josué de Castro (Arquivo Pessoal Anísio Teixeira – CPDOC-FGV/RJ. AT c, 1935).

Porém, a tentativa de conseguir uma vaga como professor da UDF por intermédio de Anísio Teixeira – que possuía um cargo importante na administração local – parecia não ter sucesso. Infelizmente a resposta a essa solicitação não foi encontrada no acervo pessoal de Josué de Castro. No entanto, no decorrer da pesquisa percebemos que a indicação viria por meio de outro intelectual reconhecido na época, Roquette-Pinto (1884-1954), que por motivos maiores não poderia assumir a cadeira que lhe foi oferecida na UDF. Iniciava-se assim um novo momento na trajetória acadêmica de Josué

⁷ Intelectuais como Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda, Afonso Arinos também foram docentes e contemporâneos do Josué de Castro na Universidade do Distrito Federal.

de Castro como professor universitário, nesse momento no círculo intelectual do Rio de Janeiro.

Rio, 7 de Maio de 1936

Exmo. Sr. Dr. Edmundo da Luz Pinto
D.D Diretor da Escola de Economia e Direito da Universidade do Distrito Federal
Senhor Diretor

Recebi com muito desvanecimento o honroso convite do Exmo Sr. Reitor da universidade e de V.Ex. para reger a cadeira de Antropologia da Escola de Economia e Direito. Infelizmente o meu estado de saúde não me permite mais os árduos trabalhos do magistério efectivo. Só por isso vejo me forçado a declinar do alto posto. No sincero desejo de colaborar com V.Ex. e como o Exmo sr Reitor peço permissão para lembrar o nome do Prof. Dr. Josué de Castro, da Fac. de Medicina do Recife, publicista conhecido, autor de valiosos trabalhos de natureza antropológica, moço de grande talento e erudição, de moralidade inatacável, brilhante expositor. Agradecendo de coração ao Exmo sr. Reitor e a V.Ex peço receber os protestos da minha elevada estima e consideração. E. Roquette-Pinto (Acervo PROEDES – UFRJ. UDF. Pasta 01. Documento 07).

A historiadora Regina Horta Duarte, em *A biologia militante*, investiga como na primeira metade do século XX, acadêmicos brasileiros, ligados a área de biologia, faziam de suas pesquisas ferramentas para a construção de uma identidade nacional. Entre esses cientistas, que buscavam a divulgação de suas ideias e desejavam o apoio do governo para a construção de políticas públicas voltadas para a área da educação e proteção ambiental, estava Roquette-Pinto. A aproximação entre Josué de Castro e Roquette-Pinto, muito provavelmente se estreitou quando o último foi professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A obra de Josué de Castro já era reconhecida nos campos da antropologia e da nutrição. Além da carta de referência, Roquette-Pinto também se mostrava um admirador dos trabalhos de Josué de Castro, como demonstrou em uma resenha sobre o livro *Alimentação e Raça* (1936), veiculada em um dos jornais da cidade:

Alimentação e Raça

E. Roquette-Pinto

(...) “Alimentação e Raça”, palpitante assumpto agora versado em livro pelo prof. Josué de Castro, antigo professor de Physiologia da Faculdade do Recife. (...) Ao alcance de todos, em linguagem colorida, mas simples, estuda o conceito geral do alimento e passa em revista a

carne, os saes minerais, o leite e as vitaminas. (...) A produção e o consumo das verduras, tão importantes da saúde, dependem muito mais da educação do que mesmo do bem estar da riqueza. E não é demais concluir que até mesmo aqui, o menu, o problema entre nós é, principalmente EDUCAR (Diário Carioca, domingo, 12 de janeiro de 1936, p. 14).

Em *Alimentação e Raça* o autor realiza uma incursão nos saberes da antropologia e da nutrição. A obra foi composta de monografias, reflexões, pesquisas e artigos de jornais, em sua maioria elaborados durante o período em que lecionou no Recife. O livro foi publicado por intermédio da “Bibliotheca de Divulgação Científica”, dirigida pelo antropólogo Arthur Ramos, também professor da UDF. Por outro lado, a aproximação com Roquette-Pinto que era um dos intelectuais mais reconhecidos no Brasil na época, colaborou para que Josué de Castro pudesse circular nos meios intelectuais cariocas e conquistar, mesmo que provisoriamente, a institucionalização.

É importante lembrarmos que a atuação de Josué de Castro enquanto acadêmico, professor e escritor, não está dissociada da clínica médica. Desde os tempos que atuava em Recife, Josué nunca deixou de se dedicar aos trabalhos clínicos. No retorno ao Rio de Janeiro, além de fazer parte da equipe do Professor Annes Dias do Hospital Estácio de Sá (*Jornal do Brasil*, quarta-feira, 22 de maio de 1935, p. 6. Acervo Pessoal Josué de Castro - Fundaj. Pasta 35), manteve um consultório particular como demonstra o anúncio a seguir:

CLÍNICA DE DOENÇAS DA NUTRIÇÃO DR. JOSUÉ DE CASTRO. Cursos de especialização na América e Argentina – Diabete – Obesidade – Estomago – Intestino- Fígado – Medida do Metabolismo Basal. Rua da Assembléia, 98-5º - TELS, 22-5586 e 25-3942. Consultas: As 2as, 4as e 6as – de 17 em diante e as 3as, 5as e sábados, de 10 as 12 horas (Diário Carioca, domingo 22 de setembro de 1935:2. Acervo Pessoal Josué de Castro - Fundaj. Pasta 22).

A dedicação a várias atividades simultâneas e muitas vezes em diferentes campos do saber representam um traço interdisciplinar importante nessa trajetória. A dimensão internacional dada ao currículo do Dr. Josué de Castro era uma tentativa de chamar atenção daquela sociedade que valorizava o novo e o desconhecido. Nesse sentido, a dedicação à clínica está ligada também a um lugar social, às redes desse campo profissional, e

principalmente as relações de poder que implicam o saber médico. Como observa Adriana Salay, a formação intelectual de Josué de Castro não se deu de maneira espontânea, mas esteve vinculada a estratégias sociais específicas, que lhe permitiram transitar por diferentes espaços de sociabilidade, mesmo não pertencendo às elites (Leme, 2023). Tal aspecto reforça a necessidade de compreender os intelectuais como agentes situados, em consonância com as proposições da história intelectual contemporânea.

Entretanto, o período em que Josué de Castro foi docente da UDF foi um momento de turbulência política que segundo Marieta de Moraes Ferreira “era parte de uma conjuntura que desembocou em um golpe de Estado que garantiu a Getúlio Vargas sua permanência no poder, agora como ditador (Ferreira, 2013, p.33). A vida da universidade, fundada nos ideais da Escola Nova, seria curta. Os intelectuais católicos, entre eles Alceu Amoroso Lima, pressionavam o então Ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema, para que Anísio Teixeira fosse demitido. Com a radicalização política, causada pelo levante comunista de 1935, Anísio e vários professores da UDF foram afastados, além do prefeito do Distrito Federal, Pedro Ernesto, que foi preso. A instalação do Estado Novo em 1937 e a criação da Universidade do Brasil nesse mesmo ano, possibilitaram o fechamento da UDF. Mas somente em 20 de janeiro de 1939, por meio do Decreto-Lei nº 1.063, houve a transferência dos seus estabelecimentos de ensino para a nova universidade (Idem, 2013, p.14). Alguns professores, como Josué de Castro e o Padre Maurílio Penido, estavam na Europa, participando de cursos e conferências, e não tomaram conhecimento sobre o desaparecimento da instituição.

A trajetória de Josué de Castro no retorno ao Rio de Janeiro demonstra que sua formação intelectual não se constituiu de maneira isolada ou exclusivamente vinculada à produção escrita, mas foi continuamente elaborada no interior das práticas docentes e das redes de sociabilidade acadêmica e intelectual das quais participou. A experiência universitária, particularmente na Universidade do Distrito Federal, funcionou como espaço de legitimação, circulação de ideias e ampliação de interlocuções, permitindo que o médico e professor articulasse diferentes campos do saber. A formação intelectual de Josué de Castro revela, assim, um itinerário construído na intersecção entre a experiência docente, a circulação institucional e as

sociabilidades intelectuais, elementos fundamentais para compreender a constituição dos intelectuais no Brasil das décadas de 1930 e 1940.

Entre os caminhos da Europa e o fim da UDF

Ainda em 1938, Josué de Castro realizou uma viagem para conferências e estudos na Itália, conforme registrou o *Jornal do Brasil* na sessão “Notas Sociais”: “Josué seguindo para proferir conferências sobre nutrição na Europa. A bordo do Neptunia” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1938, p. 10) um luxuoso transatlântico italiano. Ao chegar em Roma, Josué se corresponde com o Professor Luiz Camillo, um dos intelectuais que esteve à frente do movimento que criou a UDF. Escreveu Josué de Castro:

Roma, 18 de dezembro de 1938.
Meu caro Luiz Camillo:

Depois de uma viagem com escalas interessantes chegamos a Trieste, a 8 do corrente, onde fomos festivamente recebidos por representantes do governo, professores, jornalistas e amigos. De Trieste viemos diretamente a Roma onde permanecemos há oito dias. (...) Tenho estado em Roma em contato com professores e intelectuais que tem me dado muito boa impressão. Uma das melhores é a que tenho do Prof. Carlos Foá, grande fisiólogo e biólogo, ex-catedrático da Universidade de Milão. O Prof. Foá é um dos maiores biólogos da Itália e mesmo, do mundo, com uma cultura e um patrimônio de trabalho realizado, verdadeiramente assombroso. Infelizmente o Prof. Foá é judeu e com os novos decretos políticos teve que deixar a cátedra de professor. Sem possibilidade na Itália, o prof. Foá deseja ir para o estrangeiro. Como ele já esteve no Brasil realizando conferências no Rio e em São Paulo, consultou-me sobre a possibilidade de aproveitamento em um desses dois centros de estudos. Ora meu caro Luiz, acho que seria para o Brasil e para todos nós uma aquisição inestimável levar o prof. Foá para trabalhar e produzir entre nós, um cientista da estrutura do prof. Foá. Estude o assunto e mande-me dizer alguma coisa, antes que os Estados Unidos mandem buscar esse grande professor e possamos perder, deste modo, tão rara oportunidade. Além deste caso, peço o favor de me escrever, dando notícias gerais de nossa Universidade e dos projetos de minhas atividades no próximo ano. Já fui recebido pelo Reitor da Universidade de Roma que pôs a minha disposição os laboratórios dos Institutos de Antropologia, Biologia e Geografia para os meus estudos. São laboratórios verdadeiramente maravilhosos. Resta-me saber apenas, em qual deles devo permanecer, e isso depende das decisões tomadas aí e que só você poderá me transmitir. Diga-me também alguma coisa sobre a minha licença. Via Crivelli, 12 – Milano – Itália (Arquivo Pessoal Luiz Camillo. Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ. LCON Código, p. 162).

A Europa passava por um momento de ascensão dos regimes totalitários nazifascistas, as notícias de Josué de Castro traduzem a perseguição aos judeus na Itália, que seria intensificada nos anos seguintes. O que a escrita de Josué não leva em consideração é a aproximação do Estado Novo com a ideologia fascista dos países do Eixo, fato que impossibilitaria a provável vinda do Professor Carlos Foá, de quem não sabemos o destino. O governo Vargas procurou dificultar a imigração de judeus refugiados da Europa por meio de uma política imigratória restritiva (Carneiro, 1996, p.103).

No entanto, essa primeira viagem de Josué de Castro a Europa foi um marco importante para o seu pensamento e para a sua trajetória enquanto intelectual.⁸ Os contatos estabelecidos, as trocas de experiências, os processos de circulação de ideias, além da vivência nos laboratórios dos institutos de Antropologia, Biologia e Geografia, contribuirão sobremaneira para as suas reflexões intelectuais. A incerteza sobre qual caminho seguir nos estudos na Universidade de Roma demonstram, novamente, a dimensão interdisciplinar do seu pensamento. Por outro lado, as incertezas em torno da UDF provocavam apreensão sobre os próximos passos daquela experiência. Josué de Castro ainda não havia conquistado um vínculo efetivo com a universidade; as suas palavras demonstram a preocupação, provavelmente com um futuro concurso para uma das disciplinas que lecionava.

Infelizmente, não encontrei a resposta de Luiz Camillo. Àquela altura, Josué de Castro, enquanto professor, já havia restabelecido o contato com a disciplina de Geografia humana, e lecionado também a disciplina de Antropologia Física na UDF. No retorno ao Brasil, era preciso saber qual caminho institucional seguiria. Após a finalização das atividades da UDF muitos professores foram reaproveitados na Universidade do Brasil. Em 1939 foi criada a Faculdade Nacional de Filosofia, que abrigou os cursos das ciências humanas entre esses o curso de História e Geografia. Preocupado com o seu lugar institucional, Josué de Castro, recém-chegado da Europa, enviou uma carta ao Ministro Gustavo Capanema:

Universidade do Distrito Federal
Cadeira de Antropologia Física

⁸ Em sua estada na Europa, Josué de Castro também publicou um trabalho sobre alimentação e clima que envolvia os conhecimentos de nutrição, antropologia e geografia. CASTRO, Josué de. *Alimentazione e Acclimatazione Umana nel Tropici*. Milão, 1939.

Prof. Josué de Castro
Rio, 11 de abril de 1939.
Exmo. Sr.
Ministro Gustavo Capanema
NESTA.

Como é talvez do conhecimento de V.Excia, fui durante os anos de 1935, 1936, 1937 professor de Antropologia da Universidade do Distrito Federal, tendo sido indicado para esse cargo pelo Prof. Roquette-Pinto. Em 1938, foi porém, de acordo com a reforma desta Universidade, suprimida a cadeira de Antropologia, tendo o então Reitor processado a minha transferência para a cadeira de Geografia na situação menos interessante de professor-adjunto. Atendendo aos meus protestos, recebi posteriormente do novo Reitor a promessa categórica de ser restabelecida a minha cadeira de Antropologia. Baseado nessa promessa, os quatro meses da minha estadia na Europa para aperfeiçoar os meus conhecimentos nesta disciplina. De regresso ao Brasil, fui surpreendido com as novas disposições de Lei, pelas quais a Universidade do Distrito Federal deverá ser extinta. Verifiquei, porém, com prazer que na Escola de Filosofia, Ciências e Letras faz parte de seu curriculum uma cadeira de Antropologia e Etnografia. Esta verificação me leva a preparar-me com entusiasmo para um futuro concurso. Como, entretanto, segundo o regulamento publicado, venho submeter a apreciação de V.Excia. esta minha aspiração a reger esta Cadeira na qual poderia continuar as pesquisas que há tempo me venho dedicado no estudo da raça, dos biótipos, do crescimento, da nutrição e de outros aspectos da antropologia brasileira (Acervo PROEDS-UFRJ. UDF. Documento 125. Pasta 12).

As incertezas provocadas pelos contornos institucionais da criação da Faculdade Nacional de Filosofia fizeram Josué de Castro utilizar-se da retórica nessa correspondência. Ao apresentar o seu currículo, ele se coloca como o professor mais indicado para assumir a cadeira de Antropologia e Etnografia, já que havia lecionado a disciplina durante três anos na então UDF. Ao mesmo tempo, destaca a importância do desenvolvimento das suas pesquisas que, naquele momento histórico, se constituíam como fatores importantes para o Estado Novo.

Outros intelectuais também entraram na disputa pelas disciplinas da nova universidade. No que concerne a “cadeira de Antropologia e Etnografia, também estava sendo solicitada por Arthur Ramos, então diretor do Museu Nacional, intelectual bastante influente à época. Arthur Ramos acaba assumindo a cátedra” (Fávero, 1989, p.76). Naquele momento, a disciplina de Geografia Humana, que havia lecionado no último ano na UDF, parecia não encantar Josué de Castro, principalmente pelos seus estudos realizados na Europa. Segundo a carta, suas pesquisas foram direcionadas para o campo de saber da Antropologia. A preocupação com o futuro, apontada na

correspondência que escreve de Roma para Luiz Camillo, tinha uma razão de ser: as disputas acadêmicas por um lugar institucional.

Entretanto, “sua nomeação, só ocorre, em 1940, mas para a cátedra de Geografia Humana, em substituição a André Gibert, que retorna à França. Josué de Castro compõe o quadro da FNFi não apenas em função do seu trabalho intelectual, mas pelas articulações políticas com Getúlio Vargas” (Machado, 2009, p.119). A documentação do Arquivo Pessoal de Gustavo Capanema aponta para a nomeação de Josué de Castro e de vários outros professores em 1940 em uma carta manuscrita do então ministro da educação⁹. Não encontramos referências nas pesquisas sobre uma possível interferência de Getúlio Vargas na nomeação de Josué de Castro. Porém a socióloga Tânia Elias Magno faz referência a essa rede estabelecida com a família Vargas:

Sua nomeação para a Universidade do Brasil deu-se, segundo o professor e geógrafo Orlando Valverde, que foi seu aluno na época, “por influência direta de Getúlio Vargas. Josué era amigo de Getúlio e médico particular da família e muito amigo da Alzirinha, a filha do Getúlio”. A ligação com a família Vargas trouxe-lhe muitas oportunidades, mas também muitos aborrecimentos e inimigos políticos, pois a crítica a ditadura de Vargas, de cunho fascista, resvalava em quem dela se aproximasse. Na Universidade, conforme o depoimento de Orlando Valverde: “ele era visto como um populista”, em decorrência de ter sido indicado diretamente por Getúlio Vargas para a cadeira de Geografia Humana (Silva, 1998, p. 92-93).

Desse modo, o reconhecimento intelectual, além da provável proximidade de Josué de Castro com a família Vargas, teriam contribuído substancialmente para garantir um lugar nessa nova configuração universitária. No decorrer dos anos, Josué de Castro também desenvolve em sua atuação universitária atividades administrativas, como Chefe do Departamento de Geografia e do Conselho Departamental durante a década

⁹ Essa carta manuscrita é acrescida de uma listagem que constam os nomes de diversos professores divididos por cadeiras. Provavelmente tenha sido um manuscrito de organização das vagas, posteriormente se transformou em um documento datilografado que lista o corpo de professores auxiliares, entre eles está Josué de Castro. “Auxiliares: Filosofia – Alvaro Vieira Pinto, Psicologia – Almir de Andrade, Botânica – Tusnalda Abrens, Mineralogia – Elysário Távora, Geografia Humana – Josué de Castro, História Antiga – Eremildo Viana, Francês – Corrêa Alvim e Madelaine Manuel, Italiano – Spinelli. Arquivo Pessoal Gustavo Capanema. CPDOC, FGV-RJ. Rolo 54.

de 1940 e início da década de 1950 (Atas do Conselho Departamental. Acervo PROEDES-UFRJ).

É importante ressaltar que a maior parte da produção intelectual de Josué de Castro se deu durante o período em que esteve ligado às universidades. Alguns intelectuais, como o sociólogo Gilberto Freyre, tiveram a oportunidade de realizar uma formação acadêmica tradicional em universidades americanas e europeias para, posteriormente, adentrar no mundo profissional. Josué de Castro, ao contrário, teve que buscar sua formação intelectual no ambiente universitário, nas práticas e disputas acadêmicas.

As publicações de Josué de Castro lhe deram visibilidade internacional, principalmente a partir de *Geografia da Fome*, quando passou a receber convites de diversos países para realizar palestras e cursos, principalmente sobre temas relacionados à fome e à nutrição. Embora a sua atuação enquanto intelectual tenha extrapolado o campo da geografia, Josué de Castro contribuiu para consolidação e divulgação dos estudos geográficos brasileiros. No entanto, as atividades interdisciplinares continuavam em pauta na vida universitária de Josué de Castro. Além da geografia, o campo da nutrição se construiu como um percurso importante para mobilização de saberes desta trajetória intelectual, debate que abordaremos, mais especificamente em outro artigo.

A reorganização do ensino superior durante o Estado Novo evidencia como os itinerários intelectuais eram profundamente atravessados pelas instabilidades institucionais, pelas disputas acadêmicas e pelas relações de poder que estruturavam o campo universitário brasileiro. As correspondências produzidas nesse período revelam um intelectual atento não apenas à circulação internacional dos saberes, mas também à necessidade de assegurar um lugar institucional a partir do qual pudesse desenvolver suas pesquisas, consolidar sua autoridade acadêmica e ampliar sua inserção nos debates científicos do período. Nesse processo, a universidade configurava-se simultaneamente como espaço de formação, consagração e disputa simbólica, onde o reconhecimento intelectual dependia tanto da produção científica quanto da capacidade de mobilizar redes políticas e acadêmicas. A experiência europeia, as disputas pelas cátedras e a posterior inserção na Faculdade Nacional de Filosofia

demonstram, portanto, que a formação intelectual de Josué de Castro foi sendo construída no interior das tensões entre ciência, institucionalização e poder, aspecto fundamental para compreender a consolidação de sua trajetória como um dos principais intérpretes da questão social brasileira no século XX.

Considerações finais

A trajetória de Josué de Castro, tal como examinada ao longo deste artigo, evidencia que sua formação intelectual não se constituiu de maneira linear, nem pode ser reduzida a um único campo disciplinar. Ao contrário, ela se desenvolveu na confluência entre experiências sociais, inserções institucionais e relações estabelecidas em diferentes redes de sociabilidade. Nesse percurso, a docência assumiu um papel central, não apenas como atividade profissional, mas como espaço privilegiado de organização e reelaboração de saberes, no qual se articulavam distintos registros do conhecimento em diálogo com questões concretas da realidade brasileira.

A formação médica, nesse sentido, não aparece como ponto de chegada, mas como base a partir da qual se produziram deslocamentos importantes. A aproximação com os problemas sociais, especialmente aqueles relacionados às condições de vida das populações urbanas, levou à ampliação do horizonte interpretativo de Josué de Castro, que passou a integrar elementos das ciências sociais e da geografia em suas análises. Esse movimento, perceptível já nos estudos sobre a alimentação das classes trabalhadoras, indica uma inflexão que não rompe com a medicina, mas a reinscreve em uma perspectiva mais ampla (Castro, 1957, p. 76-77). Mas este percurso intelectual foi construído por meio da docência que permitiu realizar um trânsito entre saberes.

Ao mesmo tempo, a análise permitiu observar que a consolidação de sua figura como intelectual esteve diretamente vinculada às formas de circulação de suas ideias e às mediações que possibilitaram sua difusão. A atuação na imprensa, a participação em iniciativas editoriais e a inserção em instituições acadêmicas contribuíram para a construção de uma presença pública que ultrapassava os limites do campo médico. Nesse aspecto, a trajetória de Josué de Castro confirma a importância das redes e dos espaços

de legitimação na constituição dos intelectuais, como assinala François Dosse (2003) ao destacar que a produção intelectual se realiza sempre em interação com os meios que permitem sua circulação e reconhecimento.

A experiência na Universidade do Distrito Federal, ainda que breve, reforça essa dimensão ao evidenciar tanto as possibilidades abertas por projetos institucionais inovadores quanto os limites impostos pelas conjunturas políticas. A descontinuidade da UDF, no contexto do Estado Novo, evidencia a instabilidade dos espaços de produção intelectual e a dependência desses espaços em relação às condições políticas mais amplas. Dessa forma, ao privilegiar a articulação entre docência, produção letrada e redes de sociabilidade, este artigo buscou contribuir para a compreensão da formação de Josué de Castro como um processo historicamente situado, marcado por deslocamentos, conexões e experiências acumuladas. Mais do que reconstruir uma trajetória individual, procurou-se evidenciar os caminhos pelos quais saberes distintos foram mobilizados na interpretação da realidade social brasileira.

Por fim, a análise permite reafirmar a importância de abordagens que, no âmbito da história intelectual, considerem não apenas o conteúdo das ideias, mas também os contextos em que são produzidas, os meios pelos quais circulam e as relações que possibilitam sua legitimação. É nesse entrelaçamento entre experiência, conhecimento e inserção social que se torna possível compreender, com maior precisão, a formação de Josué de Castro como um intelectual profundamente vinculado às questões do seu tempo.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, M. C. de. **Josué de Castro**: o homem, o cientista e seu tempo. *Estudos Avançados*, v. 11, n. 29, p. 169-194, 1997.

ARRAIS, R. **O pântano e o riacho**: a formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

BARROS, L. O. C. (org.). **Arthur Ramos**. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2011.

BULCÃO, L. G.; EL-KAREH, A. C.; SAYD, J. D. Ciência e ensino médico no Brasil (1930-1950). **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 469-487, 2007.

BURKE, P.; PALHARES-BURKE, M. L. G. **Repensando os trópicos**: um retrato intelectual de Gilberto Freyre. São Paulo: UNESP, 2005.

CARNEIRO, M. L. T. **Brasil**: um refúgio nos trópicos. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CARVALHO, J. M. de. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

DOSSE, F. **La marche des idées**: histoire des intellectuels, histoire intellectuelle. Paris: La Découverte, 2003.

DOSSE, F. **A saga dos intelectuais franceses 1944-1989**. Volume I: À prova da história (1944-1968). São Paulo: Estação Liberdade, 2021.

DOSSE, F. **A saga dos intelectuais franceses 1944-1989**. Volume II: O futuro em migalhas (1968-1989). São Paulo: Estação Liberdade, 2023.

FERREIRA, M. de M. **A história como ofício**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2006.

GOMES, A. de C. **História e historiadores**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

JUDT, T. **Pós-guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

MAGALHÃES, R. **Fome**: uma (re) leitura de Josué de Castro. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997.

MOURA, C. A. de. **Fé, saber e poder**. Recife: Prefeitura do Recife, 2012.

LEME, A. S. **Josué de Castro e a fome**: gênese e gestão de uma questão social no Brasil. 2023. 353 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, T. E. M. da. **Josué de Castro**: para uma poética da fome. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

SIRINELLI, J-F. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. (Org.) **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003.

VIANNA, H. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

Lista de Fontes

Correspondências

CASTRO, Josué de. **Carta a Anísio Teixeira**. Rio de Janeiro, 1935. Arquivo Pessoal Anísio Teixeira. CPDOC/FGV, Rio de Janeiro. AT c, 1935.

CASTRO, Josué de. **Carta a Luiz Camillo**. Roma, 18 dez. 1938. Arquivo Pessoal Luiz Camillo. Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro. LCON, código 162.

CASTRO, Josué de. **Carta a Gustavo Capanema**. Rio de Janeiro, 11 abr. 1939. Acervo PROEDES-UFRJ. Universidade do Distrito Federal. Documento 125, Pasta 12.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. **Carta a Edmundo da Luz Pinto**. Rio de Janeiro, 7 maio 1936. Acervo PROEDES-UFRJ. Universidade do Distrito Federal. Pasta 01, Documento 07.

Jornais e periódicos

A PROVÍNCIA. “De regresso do México, o médico e intellectual inicia hoje, na A Província, uma série de artigos em que fixa aspectos interessantes da Revolução Mexicana”. Recife, 3 maio 1930. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 20.

CORREIO DA MANHÃ. “Acaba de ser fundado em Pernambuco mais um estabelecimento de ensino superior”. Rio de Janeiro, 30 ago. 1933, p. 7. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 22.

DIÁRIO CARIOCA. “Clínica de Doenças da Nutrição Dr. Josué de Castro”. Rio de Janeiro, 22 set. 1935, p. 2. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 22.

JORNAL DO BRASIL. “Notas Sociais”. Rio de Janeiro, 23 nov. 1938, p. 10. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 35.

JORNAL DO BRASIL. “Hospital Estácio de Sá”. Rio de Janeiro, 22 maio 1935, p. 6. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 35.

JORNAL DO RECIFE. “Manifestação”. Recife, 7 nov. 1933, p. 2. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 15.

JORNAL DO RECIFE. “Prof. Josué de Castro. Chegou, hontem, da Argentina, esse illustre physiologista pernambucano”. Recife, 24 jan. 1934, p. 2. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 25.

REVISTA MANCHETE. Entrevista com Josué de Castro. Rio de Janeiro, n. 625, abr. 1964. Arquivo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 95.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. "Alimentação e Raça". DIÁRIO CARIOCA. Rio de Janeiro, 12 jan. 1936, p. 14. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 22.

Documentos institucionais e administrativos

ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA. Ciclo de debates em homenagem a Josué de Castro. Recife, 1983.

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS DO RECIFE. Documento de nomeação de Josué de Castro para a cadeira de Geografia Humana. Recife, 15 ago. 1933. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 6.

FACULDADE DE MEDICINA DO RECIFE. Documento de nomeação de Josué de Castro como professor da cadeira de Fisiologia. Recife, 22 nov. 1932. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 6.

UNIVERSIDADE DO DISTRITO FEDERAL. Atas do Conselho Departamental. Acervo PROEDES-UFRJ.